

ANGLICISMOS NA LINGUAGEM DOS ELETRO-ELETRÔNICOS: A VISÃO DOS PROFISSIONAIS DA ÁREA

Rosemeri Hemsing Weber¹
Olandina Della Justina²

RESUMO

Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, sobre a visão de pessoas comuns, especificamente os profissionais que atuam com eletroeletrônicos, sobre a presença de anglicismos em suas atividades laborais. O interesse por este grupo se configura no fato de serem profissionais que tem necessidade de interpretar os anglicismos que fazem parte da linguagem presente no âmbito profissional para desempenhar, por vezes, funções mais complexas que demandam o conhecimento da parte técnica com profundidade. Desta forma, qualquer detalhe pode fazer a diferença para chegar a resultados satisfatórios. O estudo se apóia principalmente nas discussões apresentadas por Garcez e Zilles (2002), Bagno (2002), Ortiz (2003), Mariani (2004), Rajagopalan (2003; 2005) e Justina (2006). Como técnicas de coleta de dados foram feitas observação participante nos locais de trabalho e entrevistas abertas. Os participantes da pesquisa foram três técnicos em eletrônica e quatro vendedores de produtos eletrônicos. Dois grandes temas surgiram a partir da leitura dos dados: o primeiro está relacionado e organizado na forma de crenças e o segundo trata das atitudes adotadas pelos participantes relacionadas ao assunto. A análise e interpretação dos dados foram feitas sob três vertentes teóricas: a vertente da rejeição sumária, aceitação resignada do inglês e a vertente pragmática ou instrumental.

Palavras-chave: anglicismos, pessoas comuns, crenças e atitudes.

Introdução

No início do século XXI surgiram discussões em torno da língua brasileira³, que tematizavam o uso ou não de palavras provenientes de outras línguas, definidas por Garcez e Zilles (2002, p. 15) como estrangeirismos. Eles afirmam que no caso brasileiro, seria presença de palavras e expressões estrangeiras no português. Os autores enfatizam

¹ Professora de Rede Pública Estadual. É graduada em Letras pela UNEMAT/Sinop.
E-mail: rowh2@hotmail.com

² Professora de Língua Inglesa no Departamento de Letras da UNEMAT/Sinop. É mestre em Estudos de Linguagem pela UFMT. E-mail: olandina2008@hotmail.com

³ Segundo Bethânia Mariani (2004, p. 22) Língua Brasileira é a língua falada no Brasil já que não falamos exatamente o Português falado em Portugal, pois desde o nosso descobrimento fazemos empréstimos de outros idiomas, sejam eles indígenas, latinos, e outros fatores como a colonização e proclamação da independência.

os anglicismos, ou seja, o uso de palavras do inglês, por constituírem um maior número de empréstimos que penetram nas mais diversas atividades humanas.

Com base nesses pressupostos e para delimitar o estudo, a nossa pesquisa atentou para os anglicismos presentes em duas atividades que trabalham com eletroeletrônicos e qual a visão dos profissionais destas áreas em torno da presença constante dos termos da língua inglesa em suas atividades. Entendemos a relevância desses profissionais por terem necessidade de utilizar uma linguagem especializada em que circula grande número de anglicismos. Os objetos e linguagem são oriundos, geralmente, da importação de produtos e tecnologias de outros países. Uma vez que a língua franca da comunicação internacional é a inglesa, são abundantes os termos em inglês. Outra questão relevante é o fato dos técnicos e vendedores dominarem com mais profundidade a função dos equipamentos, escrita em inglês. Não são simples usuários, precisam de conhecimento mais aprofundado para seguramente venderem o que o consumidor precisa e atender às necessidades do cliente, sem gerar transtornos futuros. Quanto aos técnicos, precisam resolver problemas, às vezes complexos, para suprir a demanda de conserto dos aparelhos.

Entretanto, fora de sua profissão, são cidadãos comuns no desempenho de atividades das quais todos fazemos parte cotidianamente. Quer dizer, está atrelado e convive com todos os processos globais aos quais estamos ligados, quer percebamos ou não.

A grande polêmica em torno do uso de expressões e palavras da língua inglesa em nossa língua possui adeptos que defendem a criação de leis que restrinjam o uso de anglicismos em várias situações. Algumas delas são nomes de comércios, anúncios de liquidação e entre outras que comumente fazem parte das nossas vidas. Acreditam pois, que através destas medidas conseguirão manter a língua portuguesa “pura” e inabalável (ver Projeto de Lei 1676/1999).

Já alguns linguistas acreditam que esta fase na qual a língua portuguesa (ou língua brasileira) está passando é apenas mais uma etapa de construção de vocabulário delineado pelo curso da história. Esses pesquisadores levam em conta que a língua inglesa constitui-se, no panorama geopolítico e cultural atual, um idioma de poder e da comunicação internacional. É utilizada em quase todos os países para a realização de transações econômicas, relações interculturais mediadas pela indústria do turismo, reuniões

internacionais e, em geral, qualquer evento que necessite do uso de uma língua comum para estabelecer comunicação entre falantes de nativos de diferentes idiomas.

Entre apoiadores e aqueles que repudiam o uso de anglicismos, Rajagopalan (2003) propõe uma atitude de equilíbrio pautada nas necessidades funcionais do usuário. Justamente com esta visão que dialogam as descobertas da pesquisa emergidas das crenças e atitudes dos participantes.

Estas discussões estão presentes em nosso cotidiano e os anglicismos são algumas vezes compreendidos, também pelas pessoas comuns, como o uso para a realização da imagem de status, ou seja, quem as usa, tanto na fala quanto na escrita, parece ter um “domínio” sobre a língua inglesa transparecendo conhecimento, um conhecimento de alguma maneira elitizado. Contudo, há aqueles que a interpretam como “colonialismo linguístico” ou “desprezo pela nossa língua” (JUSTINA, 2006, 2008), particularmente quando se verifica seu uso “ocupando o lugar” de uma palavra que poderia ser da língua portuguesa.

O fato é que convivemos diariamente e temos acesso a um número incontável de anglicismos e, percebidos ou não, estão presentes em várias atividades que desenvolvemos, em muitos dos objetos e produtos que utilizamos habitualmente. Assim, também os profissionais que trabalham com eletroeletrônicos, convivem, especialmente no campo profissional, e lidam com os desafios de bem desempenhar uma profissão em que os anglicismos são abundantes em suas relações com os produtos, fornecedores, fábricas e clientes.

1. Diálogo com as teorias

Neste texto apresentamos as discussões que permeiam o tema anglicismos e o que demarca a sua presença no cenário mundial e nacional. Ademais, debatemos sobre as polêmicas em torno dos estrangeirismos e as concepções que tratam de uma atitude realista frente ao assunto.

1.1 A Língua Inglesa no mundo

A língua inglesa é mundialmente usada em relações comerciais e políticas. Sua expansão e ubiquidade permitiram que chegasse ao status de língua franca/língua da

comunicação universal, ou seja, uma língua capaz de perpassar fronteiras geopolíticas e constituir-se em meio de comunicação global.

Podemos sublinhar alguns fatos históricos que marcaram sua expansão pelo mundo. Primeiramente, a Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra no início do século XVIII, que imprimiu voz ao colonialismo britânico e alargou a presença da língua em vários países do mundo. Também a Segunda Guerra Mundial, na qual os EUA com um grande poderio político-militar passam a exercer influência sobre muitos países. Estes fatos são relatados por Paiva (1996, p. 10) quando afirma que estudar inglês tornou-se um fenômeno mundial.

Em tempos (pós)modernos, o desenvolvimento da cibercultura impõe o inglês como língua internacional de comunicação. Desta maneira, esta língua teve facilidade em romper barreiras tanto que hoje são encontrados vestígios e terminologias dela em todas as partes do mundo. A dimensão mundial que conquistou passa a ser então um objeto de interesse do mundo. Para Paiva (1996, p. 10), “o interesse de vários países em promover o ensino desse idioma é uma forma de se ter acesso à ciência e à tecnologia ocidental, ao comércio e turismo internacional e à ajuda militar e econômica”.

Com o crescimento e evolução das tecnologias somados ao desenvolvimento de relações via ciberespaço, o uso frequente do inglês está mais visível no manuseio do computador uma vez que, nos dias atuais, com o uso ilimitado da internet, até para as tarefas mais simples, o inglês passa a estar presente em todos os locais. Podemos verificá-los desde os comandos no teclado do PC (*personal computer*), equipamentos de *hardware* e *software*, acesso a informações diversas e até nas interlocuções com pessoas do outro lado do planeta em relações afetivas, de trabalho e de outros possíveis interesses.

Destarte, podemos verificar a expansão da língua inglesa pelo mundo e a importância do aprendizado deste idioma evidenciado em muitos locais, aliás, em quase todos. Na maioria das atividades humanas, os vocábulos em inglês são, notadamente, constituintes da linguagem em uso. Além dos locais como fachadas de lojas e *outdoors* também encontramos os anglicismos em produtos alimentícios, de limpeza entre outros. Uma das áreas que mais se destaca é a tecnológica, considerando que a grande maioria dos aparelhos (televisores, *DVDs*, vídeos, computadores, câmeras fotográficas digitais, etc.) é importada e, para facilitar a comunicação e o comércio mundial, a língua utilizada

é a língua inglesa. Todavia, em outros casos, mesmo que pertençam a empresas nacionais, os nomes são dados em inglês por questões de logística e *marketing*.

Tanto no contexto sócio histórico, diacronicamente situado, quanto na globalização, o Brasil é um entre tantos países que vivenciaram e fizeram (e ainda o fazem evidentemente) parte ativa destes processos. É sobre a língua inglesa que circula no Brasil que trataremos a seguir.

1.2 A Língua Inglesa no Brasil

As relações políticas e econômicas estabelecidas pelos Estados Unidos e a Inglaterra que influenciaram o mundo todo também chegaram ao cenário brasileiro. O inglês se tornou a segunda língua ensinada em escolas e utilizada nas comunicações que envolvem o trâmite financeiro internacional, nas rádios FM, TV, mídias diversas e até em produtos de consumo. Com o advento da internet, o inglês se tornou enfaticamente uma língua presente em quase tudo que fazemos, em nossas conversas *online*, nas mídias impressas ou faladas e nas mais diversas atividades por mais rotineiras que sejam.

As pesquisadoras Justina (2006, 2008) e Paiva (1996) relatam que a presença de comandos e expressões da língua inglesa, ou melhor, os anglicismos estão no nosso dia-a-dia e em muitos casos não nos damos conta da presença deles. Mesmo que estejam presentes em interações cotidianas entre pessoas x pessoas e pessoas x máquinas, os anglicismos passam por uma espécie de “invisibilidade” enquanto língua inglesa. As pessoas usam comumente pela função que devem desenvolver e, por vezes, sem observarem a presença de uma língua estrangeira sendo usada no seu contexto.

Todos os dias, vemos uma chuva de palavras da língua inglesa, em nossas atividades mais comuns. Circulam em produtos de higiene e alimentícios (*close up, cream-cracker, cookies, etc.*), comandos de computadores (*enter, shift, download, PgUp, PgDn, end, delete, insert, etc.*), fachadas de lojas (Americana Center Modas, Eletrônica Vídeo Laser, Star Print, etc.), expressões (*coffee break, happy hour, e-mail, Ok!, Very beautiful!, Thank you!, Kisses! LOL, teen, kids, day use, personal banking* e outras).

Ademais, o inglês é considerado uma língua de grande importância, este fato é percebido nas escolas (públicas, privadas e cursos de idiomas) onde a Língua Inglesa é disciplina ensinada para atender a um mercado cada vez mais competitivo.

Na linguagem dos eletroeletrônicos, em que tecnologias modernas necessariamente fazem parte e sofrem mudanças diariamente, podemos encontrar desde termos da língua inglesa comumente usados (*open, on, off, play, power, set up* e outros mais) até manuais e textos técnicos nos quais sempre faz parte em textos injuntivos que orientam a manipulação do equipamento, necessários também para consertos.

1.3 As polêmicas em torno da presença de anglicismos no contexto brasileiro

Quando o assunto é o uso de língua estrangeira no Brasil, muitas são as opiniões em torno do tema. Especialistas e leigos quase nunca chegam a um consenso que beneficie ambas as partes. Debates dividem as opiniões daqueles que aceitam e dos que repudiam o uso de outra língua em nosso contexto.

Alguns linguistas defendem a ideia de que a língua é viva, passa e sempre passará por mudança, seja por meio de empréstimos de outras línguas, mudanças morfológicas e sintáticas e assim por diante.

Bagno (2002, p. 53) salienta que a língua além de ser um fenômeno histórico-social tem também um aspecto individualista, pois cada indivíduo possui suas peculiaridades quando usa uma língua. O autor faz um breve levantamento histórico relacionando os acontecimentos ocorridos quando o ser humano quis provocar mudanças drásticas na língua. Trata da colonização do Brasil que sofreu a imposição da *língua geral*, massacrando a língua dos habitantes (índios) da época. Anos mais tarde Getúlio Vargas criou o *crime idiomático*⁴ que visava proibir o uso das línguas como alemão ou italiano pelos imigrantes que povoavam o Brasil, sob pena de prisão, torturas ou confinamento em campos de concentração. O autor lembra que ações como estas são verdadeiros crimes contra a identidade de cada indivíduo, isto porque a partir do momento em que uma pessoa é proibida de usar a língua que considera como materna, mesmo estando em outro país, passa a perder a sua identidade, ou melhor, o que ela é na essência.

Por conseguinte, para Bagno, o Projeto de Lei 1676/99 do Deputado Aldo Rebelo contra o uso dos estrangeirismos, pode além de ser equivocado, um crime contra a língua brasileira porque propaga a ideia de que está repleta de “invasores”. Durante anos a língua

⁴ O crime aqui caracterizado está ligado à castração do direito de usar língua materna para se comunicar com outros indivíduos da mesma língua, porém em países diferentes. Como por exemplo, os alemães não poderiam falar o idioma alemão como outros alemães em território brasileiro. Sendo assim esta proibição passa a ser um crime contra a identidade da pessoa.

francesa era considerada a língua estrangeira e invasora do português, depois a grande culpada foi a língua tribal, como lembra o autor (2002, p. 64) e hoje a grande invasora é a língua inglesa. Contudo, devemos refletir sobre a questão: se durante anos nossa língua foi invadida e não desapareceu, por que isso ocorreria na atualidade? Para este questionamento, ele (2002, p. 82-83) assevera:

A língua, repito, é um sistema auto-regulador, que dá conta de suas próprias carências e necessidades. Ela mesma acolhe o que tem serventia e descarta o que é dispensável”. Isso ocorre porque existem “seres humanos, inseridos em contextos sócio-históricos específicos, que querem se fazer entender, interagir, comunicar-se uns com os outros.

Contrapondo as palavras dos linguistas, temos o deputado e jornalista Aldo Rebelo que em um artigo⁵ publicado no jornal “O Globo” em 2000 diz: “O português tem sido enriquecido, por milhares de palavras estrangeiras [...] Mas daí atribuir ao idioma o poder de auto defesa [...] é como esperar que o organismo defenda-se sozinho das doenças e jogar o antibiótico no lixo”.

Vemos, portanto que o deputado tenciona “defender a língua portuguesa da invasão dos estrangeirismos”, mais especificamente dos anglicismos. No mesmo artigo, Aldo Rebelo afirma que o sucesso de seu projeto de lei se deve a um motivo simples e justo: “os brasileiros gostamos do nosso idioma e queremos defendê-lo da saraivada de estrangeirismos que alteram a língua e truncam a comunicação do povo”.

Em sua justificativa, o deputado lembra que um fato marcante de uma nação é a língua que constitui a identidade do local. Assim afirma que nós, possuímos como elemento marcante de nossa identidade o “fato de termos um imenso território com uma só língua, esta plenamente compreensível por todos os brasileiros de qualquer rincão, independente do nível de instrução e das peculiaridades regionais de fala e escrita. Esse – um autêntico milagre brasileiro – está hoje seriamente ameaçado”.

Seguindo esta ideia, a justificativa proposta por Rebelo, afirma ainda não saber qual a procedência histórica desta transformação do nosso idioma, destacando o descontentamento da população diante da descaracterização da língua e o apoio dos meios de comunicação que iniciaram diversas discussões sobre o rumo da língua portuguesa.

⁵ REBELO, A. *O povo apóia*. Jornal O Globo, na coluna Nossa Opinião, publicado na edição do dia 17/08/2000.

Diante desta afirmação de Rebelo, Fiorin (2002, p. 113-114) diz que “É um mito essa pretensa possibilidade de comunicação igualitária em todos os níveis. Isso é uma idealização. Todas as línguas apresentam variantes: o inglês, o alemão, o francês, etc. Também as línguas antigas tinham variações”.

Fiorin argumenta que a sociedade, queira ou não, está dividida entre jovens e velhos, ricos e pobres, gaúchos, paulistas, cariocas, mineiros, professores, advogados, médicos, jornalistas, políticos e assim por diante. Há muitas variedades linguísticas e cada um tem sua forma de falar em situações formais ou informais. Então, fica difícil dizer que todos usam a mesma língua em todo o país. Em outras palavras, um bom falante deveria ser um poliglota em sua própria língua e conhecer profundamente as diversas variações linguísticas que transitam em solo brasileiro.

Diante desse impasse, encontramos Rajagopalan (2003, p. 101-102) que em poucas palavras define o principal motivo para tanto desentendimento “[...] a polêmica se transformou em uma conversa entre surdos, cada um gritando cada vez mais alto, sem ter o menor interesse em ouvir o que o outro lado tem a dizer [...], isso tudo por causa da desconfiança que existe entre ambas as partes”.

O autor diz que para a linguística as pessoas comuns são ingênuas e precisam ser instruídas para pensar de forma correta, deixando de lado as ideias preconcebidas e mal pensadas. Já as pessoas comuns não conseguem entender como pessoas estudadas - os linguístas - não apoiam um assunto como este que parece tão evidente.

Destarte, Rajagopalan propõe uma atitude de equilíbrio no uso de anglicismos que atenda a simples necessidade do usuário. Atitudes radicais como rejeição sumária ou aceitação resignada são extremos alheios à visão realista de uso de língua que apresenta.

2. Opção Metodológica

Para que esta pesquisa fosse realizada e que as questões que nos propomos a investigar fossem respondidas, optamos pelos moldes da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico. Segundo André (2002, p. 27), a pesquisa etnográfica refere-se a “um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. [...] ‘descrição social’”, objetivando verificar as crenças dos entrevistados diante do tema proposto. Em nosso caso, por entendermos que língua e cultura são indissociáveis, marcas culturais fazem parte do uso dos anglicismos pelos participantes.

Sendo assim, procuramos inicialmente estudar o ambiente de trabalho que envolve os entrevistados e, após, a entrevista aberta. Duranti (1997, p. 172 *apud* Justina (2006, p. 36) afirma que a principal tarefa da investigação etnográfica é descobrir a visão do participante, a visão êmica, ou seja, de quem está dentro, dos participantes da pesquisa para entender os processos culturais e sociais pelos quais passam as pessoas e o mundo. Portanto, não admite pré-conceitos, as descobertas são feitas no decorrer do levantamento de dados, o pesquisador não deve influenciar o objeto de pesquisa com suas ideias e concepções a respeito do assunto. Neste caso, a presença dos anglicismos no cenário em que desenvolvem suas atividades.

Os três técnicos de eletrônica (John, João, Carlos)⁶ entrevistados trabalham numa eletrônica situada em uma das ruas principais do centro da cidade. Este estabelecimento trabalha com consertos de televisores, aparelhos de som, vídeos, DVDs, câmeras fotográficas digitais, fax, monitores de computador, ar condicionados, eletrodomésticos em geral.

Os quatro vendedores (Caroline, Carol, Eduardo, Mauro) entrevistados trabalham em lojas muito conhecidas na cidade. O processo da entrevista foi o mesmo utilizado com os técnicos em eletrônica.

Os entrevistados desenvolvem suas atividades em contato diário com a linguagem presente no campo da eletrônica. Declararam que o contato com a língua inglesa enquanto estudo formal está restrito aos anos de estudo no ensino regular (cerca de seis a nove anos), com carga horária em torno de 40 horas anuais, o que nos permite dizer que o conhecimento da língua inglesa (normas gramaticais, fonética, conhecimentos sistêmicos em geral) é limitado. Além disso, atualmente todos estão afastados dos bancos escolares.

No entanto, observando o dia-a-dia dos entrevistados podemos inferir que a carga de conhecimentos do senso comum, é vasta, o que nos faz pensar que a experiência e o contato diário com os anglicismos já produziram algum tipo de saber relacionado à língua inglesa.

3. Crenças e Atitudes dos Profissionais envolvidos com Produtos Eletrônicos

⁶ Os nomes de todos os participantes são fictícios.

Apresentamos aqui as descobertas da pesquisa organizada em seis crenças e em atitudes dos participantes. As crenças estão organizadas em: a) *Há necessidade de conviver com os anglicismos*, b) *Os anglicismos são importados com a tecnologia*, c) *Os anglicismos dificultam a operacionalização funcional*, d) *Os anglicismos deveriam ser coibidos ou substituídos*, e) *Os anglicismos devem permanecer* e f) *As pessoas usam os anglicismos para imitar os estrangeiros e como símbolo de beleza e status*. As atitudes demonstram que para desenvolverem suas atividades, os técnicos e vendedores recorrem a recursos e à experiência já adquirida.

Na sequência, discutimos as crenças e atitudes a partir de três vertentes: a rejeição sumária, aceitação resignada e função pragmática ou instrumental.

3.1 As crenças

a) *Há necessidade de conviver com os anglicismos*

Quando se fala na necessidade de convivermos com os anglicismos, os participantes apresentaram como justificativas para suas afirmações a expansão e mundialização da língua inglesa, que acaba influenciando na necessidade de aprendê-la.

Carlos afirma: *... o inglês é uma língua mundial e precisamos saber, e quem sabe usa e quem não sabe corre atrás e aprende.*

Seguindo esta ideia Carla salienta:

[...] hoje não só no comércio em tudo o inglês está presente, então se a gente não souber pronunciar ou não saber o significado você fica perdido, porque 50% ou até mais o inglês está presente, então é muito importante as pessoas saberem algumas palavras, não precisa ser leigo no assunto, mas pelo menos saber do que se trata (Carla – vendedora).

Eduardo destaca que por questões profissionais, leia-se para melhoria e melhores oportunidades, as pessoas procuram aprender inglês em cursos de línguas. Ele diz:

Eu acho que isso está no mundo inteiro, onde você vai tem pessoas que falam o inglês. Por questão de mercado de trabalho, as pessoas procuram fazer cursos especializados para línguas (Eduardo – vendedor).

Da mesma forma Mauro assevera: *Na minha opinião, usa por necessidade, pois os anglicismos estão aí e tem que ser usados.*

Percebemos que a ideia compartilhada entre os participantes é de que o fato dos anglicismos estarem presentes em suas atividades, os impulsiona a usá-los, ou seja, não é uma escolha pessoal, mas simplesmente a necessidade de usar uma linguagem que a profissão exige.

Quando os participantes falaram sobre o motivo que leva as pessoas a usarem os anglicismos, evidenciamos de que o poder da língua inglesa, na visão deles, é grande. Neste caso, a solução é a adaptação aos termos.

Por conseguinte, uma visão de que a presença de anglicismos é evidente e a necessidade de fazer uso ou conviver com eles é inevitável e importante, pois sem a leitura do significado não haveria possibilidade de bem desempenhar a profissão.

b) Os anglicismos são importados com a tecnologia

A palavra tecnologia nos remete à ideia de poder de acesso a bens econômicos e culturais. Tecnologias fazem parte da história do mundo, modificaram em muito a cultura humana especialmente com a Revolução Industrial e daí por diante. A vida do ser humano não era a mesma do ponto de vista cultural e também na linguagem em uso. A difusão do uso de computadores no final dos anos 80 e o advento da internet que coincide com o mesmo período imprimiram transformações radicais, que se deslocam a galopes na modernidade, às quais as pessoas precisam se adaptar para estabelecer interlocuções necessárias com o seu contexto e nele viver.

Neste contexto, o técnico em eletrônica afirma que os anglicismos estão presentes em sua profissão como resultado da importação de produtos de consumo e explica:

(...) porque a maioria dos produtos são trazidos e importados do exterior para o Brasil, por isso tem esses comandos mesmo que nós não falamos inglês, porque o inglês já se tornou uma língua internacional (John – técnico em eletrônica).

Carlos, também técnico em eletrônica, consoante à ideia de John, afirma: *No campo da eletrônica os aparelhos são todos importados por esse motivo apresentam as palavras escritas em inglês... ”.*

Ao analisarmos as falas, observamos que, segundo o participante John, a presença dos anglicismos em sua profissão está relacionada aos países produtores dos mais variados tipos de produtos eletroeletrônicos. Do seu ponto de vista, por ser uma língua de uso internacional, o inglês é usado para facilitar o comércio e por ser compreendido em todos os países atingindo aos consumidores mundiais. Carlos comunga com as crenças de John.

Portanto, podemos afirmar que os técnicos têm consciência da presença da língua inglesa no cenário mundial e sua caracterização como meio de comunicação internacional. Aliam às práticas de importação de produtos a presença constante de anglicismos na linguagem presente nos objetos com os quais lidam em sua profissão.

c) Os anglicismos dificultam a operacionalização funcional

Segundo três dos participantes, os anglicismos dificultam a operacionalização dos objetos, pois os clientes ao manusearem os produtos se deparam com os comandos em inglês e não sabem como operar o aparelho, causando defeitos que poderiam ser evitados caso os comandos estivessem no idioma nacional. Para eles, a língua portuguesa seria passível de compreensão e operacionalização enquanto a língua inglesa ocasiona transtornos.

Os técnicos John e João e a vendedora Caroline afirmam que muitos dos problemas técnicos de programação seriam evitados se os aparelhos eletroeletrônicos apresentassem os comandos em português.

... porque tem muitos clientes que vêm aqui e não sabem programar uma TV porque vem tudo em inglês. Fax- a maioria das pessoas não sabe programar porque está na língua estrangeira (John – técnico em eletrônica).

...em muitos casos o próprio cliente causa um defeito no aparelho por não saber manusear, porque o DVD tem toda uma programação, então o pessoal se depara com os comandos em inglês ou qualquer outra língua vai tentar mexer e acaba desprogramando tudo e causando o defeito (João – técnico em eletrônica).

Eu penso que deveria ser tudo em português, porque com essa linguagem o cliente tem dificuldades no acesso ao produto trazendo transtornos para nós. Em muitos casos o cliente não sabe utilizar o produto, então temos que ir à casa do cliente para ajudá-lo a configurar e mostrar como se usa o aparelho (Caroline – vendedora).

Podemos verificar que quando os participantes citam possíveis contratemplos ocasionado pelo desconhecimento da língua, eles se remetem aos clientes em geral mas não falam de si. Para dizer isto, eles citam “muitos clientes”, “a maioria das pessoas”, “o próprio cliente”, “o pessoal”. Neste caso, quem resolveria os problemas seria o profissional. Podemos observar esta ideia quando Caroline afirma (...) *então temos que ir à casa do cliente para ajudá-lo a configurar e mostrar como se usa o aparelho.*

Consoante ao pensamento de John, João e Caroline, Carla lembra que além dos produtos apresentarem comandos em inglês, os manuais também são escritos na língua. Para ela, os guias escritos em língua portuguesa facilitam o manuseio e ajudam a diminuir os transtornos.

Tem muitas coisas hoje em dia que vêm com os comandos em inglês, como a TV, o som e principalmente a câmera fotográfica, que além das funções o manual também vem todo em inglês. Porém, atualmente algumas máquinas vêm com um guia de ajuda em português, mas o manual ainda vem em inglês o que dificulta muito... (Carla – vendedora).

Na opinião de Carla, os fabricantes dos aparelhos eletroeletrônicos deveriam se preocupar em elaborar além do manual (em inglês) outro para os consumidores brasileiros. Contudo, alguns guias já são disponibilizados e contém informações sobre como manusear e quais as funções do produto. Carla sugere um meio para contornar os problemas causados pelos termos em inglês já instituídos no nosso uso quando diz: *Só acho que deveria ter algo que auxiliasse a pessoa que não sabe o inglês, tipo um guia para ajudar a manusear e até entender certas situações do dia-a-dia, mas deve permanecer sim”.*

Quando entrevistamos Eduardo (vendedor) perguntamos se o cliente sabe manusear o aparelho mesmo que contenha os comandos em inglês, ele foi enfático na afirmação, pois segundo ele o cliente conta com “o manual e por mais que esteja escrito em inglês é só procurar no manual para saber a função”. No entanto, quando foi perguntado se todos os clientes o usavam, Eduardo afirmou: *Nem todos porque tem gente que já vem para a loja comprar e pede a função dos comandos, mas a maioria usa o manual.*

O fato do vendedor assegurar que o desconhecimento do inglês por parte dos clientes não implica em dificuldade operacional, entendemos que os manuais apresentam

ilustrações e outras linguagens as quais auxiliariam a compreensão das funções. Assim, os anglicismos seriam lidos pela função que exerce no aparelho ao ser acionada.

Desta forma, percebemos que boa parte dos entrevistados concorda na caracterização da língua inglesa empecilho para a operacionalização dos aparelhos eletrônicos, e ainda apresentam algumas possíveis soluções para que o problema seja resolvido ou amenizado.

d) Os anglicismos deveriam ser coibidos ou substituídos

Para três dos entrevistados os anglicismos deveriam ser coibidos, pois dificultam a venda e o acesso aos produtos. Segundo Mauro quando o cliente não sabe a função do comando e ele como vendedor não conta com o auxílio de um dicionário, os anglicismos se tornam empecilhos para a sua profissão.

Na minha opinião, deveriam ser coibidos, porque a gente mora no Brasil e a nossa língua é a portuguesa e o inglês acaba atrapalhando em certos momentos, como quando não se tem um dicionário para procurar o significado e a função dos comandos (Mauro – vendedor).

Caroline se mostrou decidida com relação à presença dos anglicismos: *Eu acho que deveria ser só a nossa língua sem a presença dos anglicismos.*

John segue a mesma ideia de Caroline, mas justifica dizendo que os comandos deveriam estar em português para que todos os consumidores pudessem ter o acesso facilitado à operacionalização da função dos produtos que compram:

[...] deveriam vir em português para todo mundo saber, porque tem muitos clientes que vem aqui e não sabem programar um TV porque vem tudo em inglês (John – técnico em eletrônica).

João também acredita que os anglicismos deveriam ser substituídos por comandos da língua portuguesa, o que facilitaria o acesso à compreensão e, conseqüentemente, a operacionalização dos aparelhos.

(...)no geral seria bom que fossem substituídos porque tem muitas pessoas comprando aparelhos e não sabem usar devido os anglicismos, principalmente agora que irá surgir o DVD gravável e os comandos são todos em inglês e as pessoas não saberão usar (João – técnico em eletrônica).

Portanto para os dois técnicos em eletrônica e dois vendedores, os anglicismos deveriam ser substituídos por termos da língua portuguesa, o que minimizaria as dificuldades encontradas por consumidores na operacionalização dos seus aparelhos. Enquanto a maioria dos participantes faz referência aos clientes, um dos vendedores tomou para si também o problema ao não ter disponibilidade de dicionário para entender as funções.

e) Os anglicismos devem permanecer

Em contraposição à crença anterior, alguns participantes tem uma leitura distinta da anterior. Como vimos, o uso de anglicismos é um tema conflituoso, aqueles que repudiam sua presença em solo brasileiro e os adeptos.

Os adeptos afirmam que a língua portuguesa não está ameaçada pela presença dos anglicismos, pois tudo não passa de uma necessidade de mercado além da pluralidade cultural existente em todo o mundo. Por conseguinte, deveriam permanecer em nosso contexto sociolinguístico e cultural.

A desaprovação do uso dos anglicismos é resultante da visão de língua estrangeira concebida como invasora, que afeta a soberania da língua nacional, imperialismo linguístico entre outros. No caso dos participantes desta pesquisa, a rejeição é determinada simplesmente por dificultar o desempenho nas tarefas de operacionalização de equipamentos eletroeletrônicos.

Carla (vendedora) afirma que além de gostar do inglês, os anglicismos deveriam permanecer, pois é uma língua muito utilizada no mundo todo. Neste sentido, percebemos que a aceitação da língua se dá configurada na ubiquidade pelo mundo e status de língua franca. Outro aspecto favorável à aceitação pode ser a sua simpatia e afinidade com a língua em questão.

Corroborando com esta ideia outro vendedor, Eduardo, que assevera: (...) *Devem permanecer, porque não tem como eles serem coibidos*

Percebemos, portanto que nas declarações dos dois vendedores, percebemos que aceitam a presença da língua de um lado por ser uma língua usada internacionalmente e de outro por se sentir impotente em termos de vetá-los.

f) As pessoas usam os anglicismos para imitar os estrangeiros e como símbolo de beleza e status

Os vendedores Eduardo e Carla e o técnico em eletrônica João acreditam que o uso dos anglicismos não passa de uma questão de imitação e status, ou seja, devido à grande importância da língua inglesa no cenário mundial, fazer o uso de expressões ou comandos em inglês torna a pessoa mais interessante, bonita.

Quando perguntamos a Eduardo o que leva as pessoas a usarem os anglicismos, ele respondeu: *É difícil saber, pois tem pessoas que escutam outras falarem e depois falam também por curiosidade. Como se fosse uma imitação.*

Carla, no entanto, afirma não conhecer inglês, porém o valoriza e imprime-lhe beleza. Ela diz: *Olha, eu acho o inglês muito importante, [...] acho muito interessante e bonito a pessoa que fala o inglês [...]*

Já o técnico em eletroeletrônica João, pensa que o uso dos anglicismos não passa de um simples desejo de alcance de status, proporcionado pelo *marketing*:

Os brasileiros em geral procuram comprar coisas que são de outros países para se sentir melhor. Então se você colocar no lugar do “play” escrito tocar, “play” é mais bonito, é mais estrangeiro, é uma coisa mais sofisticada, os brasileiros vão muito para este lado.

Carla e João atribuem características de beleza, importância, busca de status e autopromoção ao usar anglicismos enquanto Eduardo explica de alguma maneira como as pessoas passam a usar os termos. Pautam-se na imitação, que outra pessoa repete e assim se torna uma cadeia de uso daquele termo. Se inicialmente ele propõe uma simples curiosidade, acaba por se tornar uso social.

3.2 As atitudes dos participantes da pesquisa

Além das crenças, os participantes evidenciaram as atitudes que tomam mediante os anglicismos e durante as entrevistas todos os entrevistados afirmaram perceber a presença dos anglicismos em suas profissões. Desse modo, dividimos em duas as ações desses profissionais que surgiram na coleta de dados.

a) Recorrem a recursos

Os recursos aos quais nos referimos são os meios que os participantes se utilizam para compreender neo-anglicismos que surgem na linguagem dos eletroeletrônicos. Para descobrir a função dos novos termos, algumas vezes há necessidade de recorrer a algum tipo de orientação e/ou ajuda quer seja humana ou material. No caso dos participantes desta pesquisa pudemos predominantemente esta última.

A maioria não recorre a pesquisas em dicionários. Somente dois entrevistados afirmaram que ao se depararem com os anglicismos utilizam-se desta estratégia para identificar os novos comandos. Além dela, as estratégias citadas por João e Eduardo foram a consulta à internet e ao manual.

*(...) algumas coisas que não sei procuro no dicionário ou internet...
(João – técnico em eletrônica)
Sim, eu faço pesquisa, leio o manual, procuro no dicionário. (Eduardo
– vendedor)*

Entendemos que o manual, por ser um gênero textual em que é comum encontrarmos palavras cognatas e ilustrações, é o que lhes facilitam a compreensão. Além disso, o conhecimento adquirido com outros equipamentos permite-lhes somar o anterior e adaptá-lo à novas tecnologias gradualmente e identificar o que está escrito no manual.

A vendedora Carla afirma realizar pesquisas na internet, por ser mais fácil, pois além de contar com os sites dos produtos e ainda sites como *Google* que ela utiliza para traduzir os comandos,

(...) utilizo a internet, porque tenho contato com a mercadoria que procuro e tem os sites de ajuda como o google para traduzir, isso facilita bastante.

Notamos que a internet, nascida da tecnologia é, cada vez mais, uma ferramenta comum utilizada para entender a língua. A busca por informações referentes à compreensão da função do comando é exclusivamente funcional, ou seja, a atenção está voltada para saber a função do termo e não o seu significado na língua inglesa.

b) Recorrem à experiência prática

O técnico Carlos alega que utiliza os instrumentos de pesquisa citados no item anterior, somente quando há necessidade. Habitualmente usa de maneira funcional sem buscar o significado, ou seja, aciona as funções de maneira prática.

Só quando necessário procuro em dicionário, senão passo por cima porque já decorei e conheço o comando (Carlos – técnico em eletrônica).

No entanto, Caroline afirmou ser um tanto acomodada em relação à pesquisa, pois segundo ela:

Não, não faço nem questão de saber o significado, leio errado. A gente sempre fala que é inglês, é diferenciado, sempre procuramos falar o básico (Caroline – vendedora).

Carlos abordou outro fato importante: a experiência. Tanto ele, quanto João e John falaram que diante da presença dos anglicismos, utilizam a experiência para manusear os equipamentos com comandos em inglês.

Tento adivinhar, conforme a função do equipamento. Utilizo-me da experiência para identificar os comandos. Aperta o botão e vê o que acontece (John – técnico em eletrônica).

(...) tem algumas coisas que uso a dedução (João – técnico em eletrônica).

Desta forma, verificamos que os participantes da pesquisa notam a presença dos anglicismos em suas profissões, nem sempre como signo da língua inglesa mas pela função que exercem. Porém, agem de formas diferenciadas (procuram no dicionário, apostam na sorte ou possível lógica, utilizam a dedução e os conhecimentos adquiridos ao longo da profissão) ao se depararem com os comandos em inglês. Sendo assim, as opiniões em relação ao uso dos anglicismos também divergem e se divide entre a rejeição e a aceitação, desde que não cause transtornos.

3.3 As descobertas

As crenças e atitudes organizadas a partir das entrevistas realizadas com os participantes podem ser associadas a três vertentes ou princípios teóricos: a vertente da

rejeição sumária do inglês, aceitação resignada do avanço do inglês, e a instrumental ou pragmática. As duas primeiras tomam por base as teorias de Rajagopalan (2003, 2005) e a última de Justina (2006, 2008).

O princípio teórico da rejeição sumária do inglês dá suporte às crenças “c” - *Os anglicismos dificultam a operacionalização funcional* e “d” - *Os anglicismos deveriam ser coibidos ou substituídos*. Segundo Rajagopalan (2005, p. 140) a rejeição sumária é uma das atitudes mais comuns diante do uso dos anglicismos, “é erguer uma muralha de rejeição psicológica contra o idioma e tudo que ele representa”. Evidenciamos quando os participantes demonstram sua rejeição ao uso dos anglicismos ao afirmarem que o uso de expressões da língua inglesa dificulta a compreensão e utilização dos objetos e categorizam um empecilho ao desenvolvimento das atividades pertinentes à profissão. Supõem que os termos deveriam ser substituídos para facilitar a operacionalização pelos clientes. Não atribuem a dificuldade para si mas para o outro.

A segunda vertente, que norteia a nossa pesquisa, a aceitação resignada do avanço do inglês, serve de apoio à crença “a” – *Há necessidade de conviver com os anglicismos* – à crença “b” – *Os anglicismos são importados com a tecnologia* – à “e” – *Os anglicismos devem permanecer* – e à crença “f” – *As pessoas usam os anglicismos para imitar os estrangeiros e como símbolo de beleza e de status*.

O princípio teórico da aceitação resignada do avanço do inglês é apresentado por Rajagopalan (2005, p. 141) como sendo uma atitude completamente oposta à rejeição sumária. Segundo esta vertente o uso de vocábulos ingleses é algo que não pode ser rejeitado, mas aceito de forma pura e simples, pois não há o que ser feito diante de sua expansão pelo mundo. Os participantes expõem este pensamento diante da afirmação de que não há nada a se fazer perante uma língua mundial que deve ser aprendida por gosto, necessidade ou obrigação. Afinal, ela está aqui, de forma intensa e ubíqua.

Os entrevistados ainda destacam a influência dos termos em inglês por força do prestígio que imprime aos objetos de desejo ou acesso aos bens culturais e econômicos. Ainda elucubram que o uso dos anglicismos serve como conquista de status, beleza e admiração. Nesse sentido, segundo Paiva (1996, p. 26), “a importação de palavras estrangeiras atende muito mais a uma necessidade simbólica de identificação com uma sociedade de grande poder político e econômico do que a necessidade de nomear novos conceitos e objetos”.

A terceira vertente, instrumental ou pragmática, percorre a parte das atitudes. Segundo Justina (2006, p. 86):

[...] no caso de não conhecerem o significado da palavra, os participantes assumem uma atitude pragmática, [...] diante das expressões em inglês no seu cotidiano lançando mão da improvisação e de suas experiências concretas ao recorrerem a recursos disponíveis ao seu redor para compreender a palavra e executar a tarefa.

Em outras palavras, conforme os relatos dos participantes, em muitos casos ao se depararem com neo-anglicismos, nem sempre se preocupam em procurar o significado em dicionários ou realizarem pesquisas. Se o fazem, não é para saber o significado, mas simplesmente a função que vai exercer na operacionalização de determinado aparelho. É comum recorrerem às experiências adquiridas em contato com outros anglicismos ou com a manipulação da própria máquina. Por vezes, descobrem a função do comando por meio da sua utilização e até mesmo “apostam na sorte”. Neste sentido a autora enfatiza dizendo “[...] as pessoas comuns, muitas vezes, ao invés de usar uma abordagem abstrata na resolução de um problema, agem com base nas suas experiências concretas improvisando como um *bricoleur*⁷ modos de desempenhar suas tarefas” (2006, p. 87).

Para concluir este capítulo, propomos retornar ao conceito de pessoas comuns apresentado por Maffesoli (1988) *apud* Justina (2006) que define as pessoas comuns como não especializadas em linguagem, podemos então dizer que os participantes desta pesquisa são pessoas comuns que constroem seus conhecimentos para superar as necessidades impostas pelo atual mundo globalizado.

As três vertentes encontradas, serviram de apoio para fundamentar teoricamente as nossas descobertas. Desta maneira, não podemos pensar que nossa tarefa está pronta e concluída, pois segundo Justina (2006, p. 87) os princípios teóricos apresentados “podem não ser suficientes para mostrar a complexidade envolvida em questões de linguagem que podem ser abordadas de diferentes perspectivas que mais se atritam do que vivem em harmonia.”.

Embora o campo de pesquisa sobre a linguagem possua uma vasta dimensão, acreditamos que por meio desta pesquisa e análise das descobertas conseguimos alcançar

⁷ Segundo definição de Justina (2006, p. 86) com base em Claude Levi-Strauss (1966, 2003), “O *bricoleur* é, portanto aquela pessoa (ou grupo de pessoas) [...] que é capaz de usar quaisquer materiais que encontram ao seu redor para executar determinada tarefa ou objetos”.

nossos objetivos iniciais de verificar como agem, se percebem e o que pensam os profissionais da área de eletroeletrônicos a respeito do uso dos anglicismos. Concluímos que as pessoas comuns que lidam profissionalmente com eletroeletrônicos convivem com os anglicismos, imprimem-lhes seus conceitos e crenças de forma a rejeitar em algumas situações e aceitá-las em outras desde que converjam, para o melhor desempenho de suas atividades profissionais na prática.

Para facilitar a compreensão dos dados referentes às nossas descobertas sintetizamos uma tabela na qual apresentamos as crenças e atitudes identificadas em nossa pesquisa, e a qual vertente pertence cada crença e da mesma maneira, as atitudes.

CRENÇAS	VERTENTE
a) <i>Há necessidade de conviver com os anglicismos.</i>	Aceitação resignada
b) <i>Os anglicismos são importados com a tecnologia.</i>	Aceitação resignada
c) <i>Os anglicismos dificultam a operacionalização funcional.</i>	Rejeição sumária
d) <i>Os anglicismos deveriam ser coibidos ou substituídos.</i>	Rejeição sumária
e) <i>Os anglicismos devem permanecer.</i>	Aceitação resignada
f) <i>As pessoas usam os anglicismos para imitar os estrangeiros e como símbolo de beleza e status.</i>	Aceitação resignada
ATITUDES	VERTENTES
a) Recorrem a recursos	Instrumental ou pragmática
b) Recorrem à experiência prática	Instrumental ou pragmática

Por meio desta tabela fica visível que as crenças encontradas após a análise das entrevistas são amparadas por duas vertentes bem distintas, sendo uma de rejeição sumária em que os entrevistados apresentam motivos bem realistas, ou seja, a rejeição tem como base as dificuldades de acesso e operacionalização dos produtos eletrônicos. A outra vertente da aceitação resignada é defendida por discursos que enfatizam a expansão da língua inglesa, a importação de tecnologia, a beleza, o prestígio e ainda a necessidade de aprender uma língua tão difundida no meio de profissionais de eletroeletrônico.

Por outro lado, encontram-se as atitudes que são amparadas pela vertente instrumental ou pragmática, na qual os participantes afirmam utilizar recursos (dicionários, manuais, internet) para definir qual a função do comando disposto no produto. É relevante destacarmos que os profissionais utilizam sua experiência, a prática profissional, a sorte e dedução para compreender a função dos comandos em língua inglesa.

Considerações finais

A presença de anglicismos no cenário profissional, no ambiente social, ou seja, no dia-a-dia de cada indivíduo, não é privilégio do Brasil, nem de países em desenvolvimento. A presença dos vocábulos ingleses é um assunto que desperta vários comentários e discussões no cenário mundial. Assim, a voz do político, do jornalista, do gramático purista e das pessoas comuns, pode oferecer diversos ângulos para análise do assunto.

Acreditamos que por meio das entrevistas realizadas com os profissionais (técnicos e vendedores) da área de eletroeletrônicos, atingimos os objetivos propostos no início de nossa pesquisa, ou seja, conseguimos responder as questões e verificar se os profissionais ligados à área da eletrônica se percebem, o que pensam e como agem diante mediante os desafios profissionais que dialogam com as linguagens, especialmente aquela que carrega marcas de uma língua estrangeira.

Neste estudo, percebemos que as crenças (o que pensam) a respeito do uso dos anglicismos se baseiam, de um lado, na vertente da rejeição sumária, condenando o uso dos anglicismos, com base na ideia de dificuldade ao acesso funcional dos equipamentos eletroeletrônicos. De outro, na vertente da aceitação resignada, na qual os anglicismos são vistos como algo trazido com expansão do inglês no mundo e uso de tecnologia sendo impossível qualquer atitude diante desta expansão de vocábulos ingleses, a não ser aceitar de forma pacífica. Soma-se à segunda vertente uma valoração positiva estendida à ideia de beleza, elegância, superioridade de objetos, modernidade, desenvolvimento e, em consequência, acesso a bens culturais e econômicos nos conceitos das pessoas comuns aqui investigadas.

As atitudes dos profissionais da área da eletrônica, em relação ao uso e a presença dos anglicismos, são justificadas por meio do princípio teórico da função pragmática ou

instrumental, no qual os anglicismos são acolhidos em uma atitude realista baseado na necessidade de desempenharem suas tarefas profissionais.

Ao transitar por crenças e ações que nos permitiram associar às vertentes da rejeição sumária, aceitação resignada e da função pragmática, os brasileiros demonstram estar sintonizados e ser inevitável o uso de anglicismos no seu cotidiano. Os termos acabam sendo acolhidos por questão prática, sejam eles compreendidos ou não, originalmente aceitos ou transformados pelas marcas linguísticas e culturais brasileiras.

Apoiados em Justina (2006) entendemos que quanto aos posicionamentos das pessoas comuns pesquisadas, as vertentes podem se cruzar no que pensa a mesma pessoa definida pela situação em que ela se encontra, ou seja, por vezes determinada pela experiência ou prática.

Para concluir, esperamos que ao abordar nesta pesquisa o ponto de vista destes profissionais (técnicos e vendedores) que lidam com produtos eletroeletrônicos, possamos ter contribuído com o debate sobre os estrangeirismos desencadeado por linguistas e gramáticos puristas, que são formadores de opinião. Entendemos que o conhecimento que cada pessoa constrói em sua vida profissional e/ou social pode contribuir para descobrir e suscitar questões a serem estudadas no universo da linguagem.

Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. 8ª ed. São Paulo: Papyrus, 1995.
- BAGNO, M. *Cassandra, Fênix e outros mitos*. IN: FARACO, C. A. (org.) *Estrangeirismos guerras em torno da língua*. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2002, p. 49-83.
- CICHELERO, M. *Falar Inglês no Ciberespaço*. *Jornal APLIEMT – Associação dos Professores de Língua Inglesa do Estado de Mato Grosso*. Ano V, nº 10, Cuiabá-MT, 2005.
- FIORIN, J. L. *Considerações em torno do Projeto de Lei nº 1676/99*. IN: FARACO, C. A. (org.) *Estrangeirismos guerras em torno da língua*. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2002, p. 107-125.
- GARCEZ, P. M. ZILLES A. M. S. *Estrangeirismos – desejos e ameaças*. IN: FARACO, C. A. (org.) *Estrangeirismos guerras em torno da língua*. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2002, p. 15-36.

JUSTINA, Olandina Della. *A Visão de Pessoas Comuns Sobre os Anglicismos: três vertentes que permeiam a questão*. In: ASSIS-PETERSON, Ana Antônia (org.) *Línguas Estrangeiras para Além do Método*. São Carlos: Pedro e João Editores/ Cuiabá: EdUFMT, 2008.

JUSTINA, Olandina Della. *Presença e uso de anglicismos no cotidiano brasileiro: a visão de pessoas comuns*. Dissertação (MeEL), UFMT, Cuiabá, 2006.

MARIANI, B. *Colonização lingüística*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PAIVA, V. L. M. de O. e. (org). *Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências*. Campinas, SP: Pontes, 1996, p. 9-29.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. *A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil*. In: Lacoste, Yves & Rajagopalan, Kanavillil (org.). *A Geopolítica do Inglês*. São Paulo: Editora Parábola, 2005, p. 136-159.

REBELO, A. *O povo apóia*. Jornal O Globo, na coluna Nossa Opinião, publicado na edição do dia 17/08/2000.

_____. *Projeto de Lei nº 1676 de 1999*. In FARACO, C. A. (org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

THE ANGLICISMS IN THE LANGUAGE OF THE ELECTRIC-ELECTRONIC: THE VISION OF THE PROFESSIONALS OF THE AREA

ABSTRACT

This article presents the results of a qualitative research about the viewpoint of common people (professionals that work with electric-electronic - three technicians in electronics and four salesman and saleswoman of electronic products) about the presence and use of Anglicisms in the language that belongs to their jobs. Two themes arose of the data analysis and interpretation. The first one was organized as beliefs and the second one as attitudes of the common people about the Anglicisms. The interpretation and discussion of the data were conducted under four theoretical guidelines: the slope of the skimpy rejection, acceptance resigned of the English, the pragmatic or instrumental

Keywords: anglicisms, electric-electronic setting, beliefs and attitudes.